

# PERSPECTIVAS E CONCEPÇÕES DE LEITURA EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Marta Maria Minervino dos Santos<sup>1</sup>

PPGE/CEDU/UFAL

## RESUMO

Este artigo teve como objetivo apresentar um breve panorama das concepções de leitura em língua portuguesa, direcionando tal olhar para a Educação de Jovens e Adultos – EJA, trazendo os aspectos importantes ao ato de ler. Nesse sentido, são apresentadas as principais concepções que se envolvem nesse processo. Para tanto, utilizamos como base teórica Koch e Elias (2010), Solé (1998), Marcuschi (2008) entre outros; observando a situação em que se encontra a modalidade EJA muitos alunos ainda analfabetos e em sua maioria oriundos de um ensino básico fracassado, ainda evidencia sobre como são ou deveriam ser as práticas de leitura na Educação de Jovens e Adultos. Enfim, esse artigo demonstrou que através das práticas de leitura pode-se constatar que ler é um exercício motivado pela pretensão e curiosidade da descoberta, aprender e trocar experiências.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura, educação de jovens e adultos e aprendizagem.

## 1. INTRODUÇÃO

No Brasil há muito tempo se estuda as problemáticas de alunos do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos- EJA sobre as dificuldades no aprendizado de leitura. De modo que a leitura sempre foi umas preocupações dos educadores e pesquisadores sabendo-se que ela é considerada um dos meios em que os indivíduos podem se manter informados além de desenvolver aprendizagem em todas as esferas do interesse humano, para tanto, as práticas de leitura deveria estar presente em todas as modalidades de ensino por ser considerada uma das habilidade de grande importância no desenvolvimento dos alunos.

A prática de leitura na modalidade da EJA deve ir além da leitura mecânica, para assim formar leitores na EJA críticos, assim é reconhecer que o processo de leitura e escrita devem ser guiados pelas orientações do letramento considerando o meio e os conhecimentos prévios desses alunos como parte desse processo, como também reconhecer que segundo Soares (2006, p.19) alfabetizado nomeia aquele que apenas

---

<sup>1</sup> Aluna em regime especial no Doutorado em Educação Brasileira do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira PPGE/CEDU/UFAL cursou a disciplina **Leitura em EJA**.

aprendeu a ler e escrever, não aquele que adquiriu o estado ou a condição de quem se apropriou da leitura e da escrita não aquele que adquiriu o estado ou condição de quem se apropriou da leitura e da escrita, incorporando práticas sociais que se demandam.

Assim, a autora nos remete a identificar a eficácia de um trabalho com letramento que para ela, é, pois o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita. [...] Assim não basta apenas saber ler e escrever, é preciso também saber fazer uso do ler e do escrever, saber responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente (2006, p. 20). Nos tópicos a seguir iremos tratar das concepções de leitura e suas consequências para aprendizagem.

## **2. CONCEPÇÕES DE LEITURA EM LÍNGUA PORTUGUESA**

O ensino de leitura nas salas de aula do sistema educacional brasileiro vem demonstrando que várias concepções de leitura estão presentes nesse trabalho e em qualquer modalidade de ensino, na Educação de Jovens e Adultos – EJA não é diferente; tais concepções influenciam na formação do leitor crítico e reflexivo que possam atuar na sociedade em seu favor, considerando os valores éticos, morais e sociais. O Plano Nacional de Educação Lei 10.172 é bem específico em seus Objetivos e Metas quando visa a alfabetizar 10 milhões de jovens e adultos, em cinco anos e, até o final da década, erradicar o analfabetismo. Essa alfabetização para ser efetivada deve considerar os aspectos sociais dos alunos da EJA, ou seja, deve ser guiada pelos princípios do letramento.

Entendemos que ler é interpretar, relacionar textos e produzir sentidos – um ato de co-produção textual, através do processo de interação sujeito/linguagem, gerado pela leitura. Ao considerar a importância da leitura em nossa vida em sociedade, é indispensável desenvolver costumes de leitura entre crianças e nos jovens, bem como o papel da escola na formação de leitores competentes.

O leitor deve compreender que ler é tentar trazer esses conhecimentos para aplicar em seu dia a dia; além de entender a cultura de seu povo ou de outros povos, de

uma nação; ler para a promoção da cidadania; ler para fazer parte de uma camada, limitada, da intelectualidade do Brasil.

Em um mundo no qual as formas de ler estão determinadas pelos modos como o conhecimento é veiculado, ler como evasão torna-se uma atividade quase que insuficiente. Além das necessidades impostas pela modernização da tecnologia e até das profissões como um todo exigirem um leitor que saiba utilizar não somente a leitura como instrumento de informação, mas como diferencial cultural para as atividades que venha a desenvolver, profissionalmente ou não, a prática da leitura como evasão enfatiza a leitura como uma atividade centrada somente no indivíduo, ignorando a sua dimensão social (ZOZZOLI, 2008, p. 90-91).

Não é possível que se aceite apenas uma forma de ler, mas que seja aliado: ao prazer, a informação e a função social. A leitura é muito abrangente, requer do leitor conhecimentos que vão além de uma leitura vazia de textos, de escritos, como considera Freire, da importância de ler:

(...) processo que envolvia uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior dessa não pode prescindir da continuidade daquela (FREIRE, 2011 p. 11).

A leitura é uma atividade dialógica; leitor e texto se comunicam, cabendo a aquele o papel de mudar, acrescentar, distorcer, concordar e assim, percebe-se que ler implica um ato de querer se informar e formar. Formar posições críticas, caminhos decisivos, formar opiniões e pontes possíveis entre a realidade social.

Na prática são os professores que precisam direcionar as perspectivas de leitura, pois a escola continua sendo lugar de promoção de um conhecimento que não distingue e nem exclui. De modo que, os nossos leitores já não estejam condicionados as classes sócias (a elite), mas que o ambiente escolar o condicione e o faça se estender a toda a comunidade escolar que envolve familiares, escolas, sociedade.

Para compreendermos as concepções e perspectivas de leitura presente na prática docente destacamos segundo Koch e Elias (2010) os seguintes questionamentos: O que é ler? Para que ler? Como ler? Essas perguntas poderão ser respondidas de diferentes modos, e poderão revelar determinadas concepções de leitura, a partir da concepção de sujeito, de língua, de texto e de sentido que se considere.

## **2.1. Leitura numa visão estruturalista**

Durante vários anos, a leitura esteve acompanhando a concepção estruturalista, onde a prática dessa atividade sempre esteve desenvolvida a partir da decodificação de fonemas, como a escrita sempre fez parte do processo de leitura nessa concepção ela era considerada como transcrição de símbolos gráficos. A leitura trabalhada nessa concepção não levar o aluno a desenvolver um processo de compreensão, assim também não se utiliza dos sentidos em contexto social.

## **2.2. Leitura com foco no autor**

Compreender a leitura tendo como foco no autor é necessário nessa concepção fazer relação com a concepção de língua que é segundo Koch e Elias (2010) nesse caso, como representação do pensamento nessa perspectiva de concepção corresponde a um sujeito psicológico de comportamento individual que fica sujeito ao sistema linguístico. Desse modo, a língua é entendida como estrutura que estabelece comunicação.

Nesse tipo de concepção de leitura como representação do pensamento o sujeito é segundo Koch e Elias (op.cit) visto como um ego que constrói uma representação mental e deseja que esta seja “captada” pelo interlocutor da maneira como foi mentalizada. Nesse sentido, o texto é visto como simples produto do pensamento (representação mental) do autor que apresenta para seu leitor captar a representação mental, juntamente com as intenções (psicológica) do produto, exercendo um papel passivo.

Sendo assim, nessa concepção a leitura é uma atividade que exige do leitor o foco no texto em sua linearidade, no reconhecimento do sentido das palavras e estruturas do texto. Segundo as autoras (p. 10) leitura é entendida como atividade de captação de ideias do autor sem levar em consideração as experiências e os conhecimentos do leitor. A ele (leitor) cabe o reconhecimento das intenções.

## **2.3 Leitura com foco no texto**

Para entender a leitura com foco no texto, é preciso entender as noções de texto e o funcionamento do texto, para Marcuschi (2008) a escola trata o texto como um produto acabado funcionando como um *container*, onde se “entra” para pegar coisas. Mas o texto é um evento ou um ato enunciativo, acha-se em permanente elaboração ao longo de sua história e das diversas recepções pelos diversos leitores. Dentro desse trabalho com o texto contribuições de outra ciência, situamos o que é língua de acordo com Marcuschi (2008), como uma atividade sociohistórica, cognitiva e sociointerativa, que assim se caracteriza como textual-discursiva na perspectiva sociointerativa, considera o texto em seus aspectos organizacional como seu funcionamento sob o ponto de vista enunciativo.

Dentro dessa língua, situada histórica e ideologicamente, adotamos um sujeito considerado pela Análise do Discurso – AD que também faz referencia a esse social, pois sujeito nessa perspectiva é considerado aquele que ocupa um lugar no discurso e que se determina na relação com o outro na alteridade. Em síntese, podemos afirmar que esse sujeito não é assujeitado nem totalmente individual e consciente, mas produto de uma clivagem de relação entre linguagem e história.

Dependendo da concepção de texto adotada a aprendizagem seguirá por caminhos diferenciados, um deles é formar sujeitos ativos exposto acima, e o outro é trabalhar com foco no texto considerando a língua como estrutura e segundo Koch e Elias (2010) o sujeito é assujeitado pelo sistema, caracterizado por uma espécie de não consciente. A leitura é uma atividade que exige do leitor o foco no texto, em sua linearidade, uma vez que “tudo está dito no texto”. Nessa concepção o leitor reconhece o sentido das palavras e estruturas do texto.

#### **2.4. Leitura com foco no autor-texto-leitor**

O trabalho desenvolvido por Koch e Elias (2010), está amparado em uma concepção interacional (dialógica) da língua, cujos sujeitos são vistos como atores, construtores sociais, sujeitos ativos que, dialogicamente, se constroem e são construídos no e pelo texto, este considerado o próprio lugar da interação e da constituição dos interlocutores. Nessa perspectiva, a leitura é vista como uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos.

Nessa concepção, a leitura não se prende aos elementos linguísticos, requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo. As experiências e os conhecimentos do leitor são fundamentais, não há uma passividade do leitor. No processo de compreensão do texto, o leitor também atribui sentidos, e estes sentidos advêm de conhecimentos outros, que não necessariamente são os linguísticos.

Concordamos com essa perspectiva de leitura de acordo com Koch e Elias, que tem como foco a interação autor-texto-leitor, embasada no dialogismo de Bakhtin, difere de outras concepções, as quais ora privilegiam o foco no autor, ora no texto. Na concepção com o foco no autor, a leitura é entendida como a atividade de captação das ideias do autor, deixando de levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor; já as que têm o foco no texto, a leitura é uma atividade que exige do leitor o foco na linearidade do texto, naquilo que está dito, posto.

No processo de leitura como uma atividade de produção de sentido, o leitor enquanto construtor destes sentidos utiliza, para tanto, estratégias que ajudam neste processo, de acordo com Solé (1998): seleção, antecipação, inferência e verificação. (estratégias do processo de leitura)

A antecipação é aquilo que o leitor faz antes de ler um texto, ele já espera, de certa forma, os sentidos que o texto (re)velará. Nesta tentativa de antecipação, o sujeito leitor lança hipóteses, acreditando que os sentidos do texto serão aqueles previstos por ele. Já a inferência, por sua vez, é uma estratégia que o leitor utiliza para descobrir os não-ditos no texto, mas que podem ser (des)velados com base em pistas textuais; e por fim, a verificação, que tem como finalidade o controle ou não da eficácia das demais estratégias. Enfim, todas elas agem mais ou menos ao mesmo tempo e o leitor, geralmente, não é consciente sobre o uso delas.

Sendo assim, o tipo de leitura, quanto aos objetivos, está relacionado diretamente com as práticas discursivas em que os sujeitos estão inseridos: leitura por informação, leitura acadêmica, por prazer, por deleite, leitura para consulta (dicionários, catálogos), leitura por obrigação (manuais, bulas), leitura dos que caem em mãos (panfletos) ou nos são apresentados aos olhos (outdoors, cartazes, faixas).

Logo, ao interpretar um texto, deve-se falar de um sentido, e não do sentido, pois durante a atividade de leitura ativa-se o lugar social, as vivências, relações com o outro, valores da comunidade e conhecimentos textuais dos sujeitos que singularizam o processo de leitura. A leitura e a produção de sentidos são atividades orientadas por nossa bagagem sociocognitiva. Portanto, ao considerar o leitor e seus conhecimentos,

tem-se que levar em conta que eles são diferentes de um para o outro, o que implica a aceitar que haja uma pluralidade de leituras e de sentidos em relação a um mesmo texto.

### **Leitura em EJA (processo de compreensão)**

A Educação de Jovens e Adultos possui alunos que não frequentaram a escola na idade dita como “regular” por vários motivos, esses alunos ao retornaram a escola e trazem consigo uma história de vida, tais experiências vividas poderia ser apoio para desenvolver a alfabetização da maioria desses alunos que ainda se encontram em fase de analfabetismo, nesse processo de aprendizagem de leitura e compreensão é precisos que esses alunos se sentam a vontade e estimulados as realizarem.

Baseado na concepção de compreensão do autor Marcuschi (2008), o processo de compreensão atualmente é bastante complexo, pois há uma teoria hegemônica ou uma corrente que seja mais correta e definitiva.

Ler é um ato de produção e apropriação de sentido que nunca é definitivo e completo. A posição de ler mais não é um ato simples de extração ou identificação de sentido, mas sim é uma aventura, e nesse terreno não há garantias absolutas ou completas (p. 228).

Deve-se ter clareza quanto ao fato de que nossa compreensão está ligada a esquemas cognitivos internalizados, mas não individuais e únicos. Por que a língua é um sistema simbólico ligado a prática sociohistórica e não funciona no vácuo, ela se dá com condições inter e intrapessoais de acordo com Vigotsky (apud MARCUSCHI, 2008). Reconhecer que o trabalho em língua portuguesa com alunos da EJA levando em consideração sua prática sociohistórica é assumir segundo Freire (p. 10-11) uma pedagogia conscientizadora, uma reflexão crítica sobre a leitura tematizando seus elementos básicos: sujeito (leitor), o objeto (texto), e as condições sociais de sua produção.

Para ele, conhecer é um ato social e não uma ação interior do indivíduo isolado. Considere um aluno nesse processo de aprendizagem envolvendo o social, ele primeiro se apropria da linguagem como uma ação social e depois a internaliza para a partir de uma atividade intrapessoal fazer uso interpessoal.

Esse processo de compreensão exigirá habilidade, interação e trabalho, por isso quando lemos um texto entendemos algo, mas nem sempre a compreensão é bem

sucedida, pois compreender é uma forma de inserção no mundo e no modo de agir sobre o mundo na relação com o outro dentro de uma cultura e uma sociedade.

É um processo mediante o qual se compreende a linguagem escrita. Nessa compreensão intervem tanto texto, sua forma e conteúdo, como o leitor, suas experiências e conhecimentos prévios (SOLÉ 1998, p.22).

Entendemos que é importante levar em consideração os conhecimentos prévios que envolvem os conhecimentos linguísticos, textual e de mundo, esses conhecimentos que se abrangem o processo de compreensão que é uma atividade colaborativa de convivência sociocultural que se dá na interação entre autor-texto-leitor.

O processo de envolve diretamente a atividade de leitura e o estudo atual de Kleiman (2004) afirma que essa prática é social que na linguagem aplicada é subsidiada teoricamente pelos estudos do letramento e o uso da leitura estão aplicados a situações que são determinadas pela história.

Isto significa que o leitor não é sujeito consciente e dono do texto, mas se acha inserido na realidade social e tem que operar sobre conteúdos e contextos socioculturais. Kleiman, faz considerações sobre dois tipos de visão, a primeira delas critica a posição da lingüística de texto e da psicologia cognitiva que ver o leitor como sujeito ativo que utiliza e mobiliza conhecimentos pessoais para compreender; guiados pelos estudos do letramento desloca o pólo do interesse da ação do indivíduo sobre o texto para inserção do sujeito na sociedade e no contexto de interpretação ligado a realidade sociocultural, então a leitura considera práticas sobre aspectos críticos e voltados para atividades, sobretudo sociointerativa.

A leitura sendo uma atividade de produção de sentido colaborativa, a compreensão não é um simples ato de identificar de informações, mas construção de sentidos com base em atividades inferenciais. Para noções merecem atenção para o processo de compreensão que é língua, texto e a inferência.

Para desenvolver leitura o leitor se utiliza de sentidos, nesse caso o sentido literal é básico para que ele entenda quando usa-se a língua em contexto natural. A compreensão é ou pode ser desenvolvida através da inferência, no geral, existem dois paradigmas que podem ser desmembrados nos conjuntos envolvidos: compreender para decodificar e compreender para inferir. A primeira delas se baseia na língua como



atividade, tomando a compreensão como inferência, ou pista como processo de construção baseada no sociointeracionismo.

Segundo Marcuschi (2008) o tratamento da compreensão nos livros didáticos tratados nos PCNs observados por Marcuschi observou que as atividades nos manuais didáticos, em sua maioria apresentavam uma seção de exercícios chamados compreensão, interpretação e entendimento de texto. Porém essa parte do trabalho deveria exercitar, aprofundar o entendimento e conduzir a uma reflexão sobre o texto. Além disso, a compreensão de texto é um dos aspectos básicos no domínio da língua. Nessa época o autor descobriu que a maioria das atividades de cópiação, e não se estimulava a reflexão crítica.

Por isso, é indispensável na Educação de Jovens e Adultos falar de um sentido para o texto, levando-se em consideração a vivência dos alunos, além de reconhecer que, nas atividades de leitura, ativa-se: lugar social, relações com o outro, valores e conhecimentos textuais. Dessa forma, o significado não está somente na palavra nas no contexto de vida desses alunos, como afirma Freire (2011) que “a leitura do mundo precedi a leitura das palavras” é necessário compreender que “linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre texto e o contexto” (p. 20).

A leitura envolve a integração de múltiplos fatores relacionados à experiência do indivíduo, habilidades e funcionamento neurológico. O ato de ler compreende desde a decodificação dos símbolos gráficos até a análise reflexiva de seu conteúdo.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pelo exposto nesse artigo, deve-se concluir que se faz necessário entender que as concepções de leitura que é um processo que envolve várias posições sociais dependendo da prática que se utilize com: foco no autor, no texto, autor-texto-leitor pode levar o aluno a vários entendimentos a partir da leitura. A discussão demonstrou que através das práticas de leitura pode-se constatar que ler é um exercício motivado pela pretensão e curiosidade da descoberta, aprender e trocar experiências.

Portanto, a leitura faz parte da formação dos cidadãos, através dela ele pode entender a sociedade em que estão inseridos, desse modo a leitura pode ser considerada

como instrumento poder, pois permite que o indivíduo seja capaz de construir suas próprias idéias.

A escola enquanto instância formadora deve conhecer as várias concepções de leitura e suas consequência para formação de um leitor crítico e conscientes, assim reconhecerá suas múltiplas possibilidades. Para formar esse tipo de leitor é necessário que se inicie na família, sociedade e continue na escola levando em consideração as experiências dos alunos, essa participação no processo educacional de forma espontânea ajuda a entender todo processo social em que esses alunos estão inseridos.

### REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 22<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cortez, 2011.

Kleimam, Ângela. **Texto & Leitor:** Aspectos cognitivos da leitura. 9<sup>a</sup> ed. Campinas: Pontes, 2004.

KOCH, I V & ELIAS, V M. **Ler e compreender: os sentidos do texto.** São Paulo; Contexto, 2010.

SOLÉ. Isabel. **Estratégias de leitura.** 6<sup>a</sup> Ed. São Paulo, Artmed, 1998.

ZOZZOLI, Rita. **Leitura, escrita e ensino.** Maceió, Edufal, 2008.

SOARES, Magda. **Letramento:** Um tema em três gêneros. 2<sup>a</sup> Ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2006.